

DOM JOAQUIM

Este romance tem notaveis similhanças com o da *Nau Cathrineta*, pelo que respeita á lição do Algarve; não é, como aquelle, tão desenvolvido, não contém tantas passagens diversas, mas o assumpto é proxinamente o mesmo; o que em verdade não admira, se attendermos a uma multiplicidade de quasi identicos successos porque passou a nossa opulenta marinha, quando neste paiz ainda havia opulencia, e marinha. Para portuguezes eram naquelles passados tempos, que hoje sómente vivem para a historia do mundo, cousas mui vulgares um combate naval, uma victoria, um triumpho; então nossas forças de mar assombravam com seu esplendor e poder os maiores e mais longinquos potentados, e tudo era grandeza nesses dias, em que o nosso Portugal, dominando em toda a parte, sem demasiada vaidade, chamava sua colonia, (ainda não ha bem meio seculo) a um dos mais consideraveis imperios da terra!

Este romance dá-nos indicios do que é mais antigo do que o da *Nau Cathrineta*, cuja origem, por circumstancias que deixo expendidas, não julgo anterior ao ultimo terço do seculo XVI.

Rompe elle pois com o seguinte verso, que é força consideravel-o como seu verdadeiro começo, visto que assim apparece em todas as lições que o representam no Algarve:

Sua Alteza, que Deus guarde.

Este verso refere-se sem duvida a um rei de Portugal, que ainda não tinha o tratamento de *Magestade*. É sabido, segundo alguns historiadores, que foi o nosso infeliz D. Sebastião o primeiro rei portuguez que usou este tratamento. Na França parece ter sido Francisco I, na Inglaterra Henrique VIII, e na Hispanha q imperador Carlos V; e todavia este titulo é antiquissimo; pois pretende-se remontar sua origem aos dias da republica romana, a qual delle usou, e bem assim magistrados e imperadores. *Alteza* era entretanto o tratamento dos nossos reis antes do de *Magestade*, como tambem é sabido: disto intiro eu, que o romance de D. Joaquim, que vive na memoria popular do Algarve, não é posterior ao reinado de D. Sebastião, e por consequencia mais antigo, ainda que não muito mais talvez, do que o da *Nau Cathrineta*.

É indubitavelmente a primeira vez que apparece escrito; pois ignorado vivia no coração daquella desgraçada provincia, que não menos ignorada e desprotegida vive; mas da qual tão avultados lucros se poderiam colher, se porventura fôsse olhada com menos indiferença, com mais discernimento, e com algum patriotismo.

DOM JOAQUIM

Sua Alteza, que Deus guarde,
Aviso ao mar mandaria;
Que se aparelhasse a armada
Para largar no outro dia.
A armada se aparelhára
Com extrema galhardia.
Meia noite, que era em ponto,
Dom Joaquim já não dormia.
Mal o sol vinha raiando,
Tudo já manobreria;
Tirára peças de leva
Em signal de que saia.
Saíndo de barra em fóra,
Quando já terra não via,
Forte armada avista ao longe,
Que em todo o mar se estendia.

Uma á outra se chegára
Pelo pino do meio dia,
A batalhar se pozeram
Cada qual com mais porfia;
A salva que o perro dava,
Tudo era mosquetaria;
Muito tempo já durava,
Nem um nem outro vencia;
Dom Joaquim quasi perdido
Sem saber o que faria,
A um Santo Christo abraçado,
De pôpa á prôa dizia:
— Deus do céu, que me estaes vendo,
Filho da Virgem Maria;
Não permittaes, Deus bendito,
Que vamos dar á Turquia!

Palavras não eram ditas,
Sua voz o céu ouvia,
Pois passado pouco tempo
O rei moiro se perdja.
As galés que elle trouvéra
Todas lo mar engolia;
De quatrocentas e oitenta
Uma só lhe escaparia,
Essa co'o leme quebrado;
E a pôpa em grande avaria,
Com a bandeira de rastos
Em desprezo da Turquia.
— Que nobre armada era aquella,
Que tão briosa vencia?
— Com mandava-a Dom Joaquim,
Mais valente não a havia.

Já voltava ás suas praias,
Com soberba galhardia.
O perro moiro vencido
Com muita magoa dizia:
— Não se me dá das galeras,
Nem do que nellas havia,
Dá-se-me da minha gente,
Que era la flor de Turquia,
E mais de uma filha moça,
Que era a estrella do meu dia!